

Philippe é da Plebe

Vocalista conta em livro história da banda e da cena rock brasiliense dos anos 80

Por Mayariane Castro

É um calhamaço. Nada menos que 640 páginas de textos e fotos. E poderia ser maior: a versão inicial tinha 900 páginas. O livro, porém, conta uma histórica icônica. São as memórias do guitarrista e vocalista da Plebe Rude, Philippe Seabra, e da sua importância na história da cena rock brasiliense dos anos 80, que fez nascer também a Legião Urbana e o Capital Inicial, entre outras bandas.

“O Cara da Plebe” é o relato pessoal de Philippe Seabra, sobre sua trajetória, abordando não apenas os primórdios de sua carreira na música, mas também questões sociais e políticas de sua geração e de sua cidade natal. A publicação, que é mais que um simples regis-



Philippe: 640 de memórias sobre rock e muito mais

Divulgação

tro da história da famosa banda de punk rock brasiliense, se expande para reflexões sobre a arte, a educação e o Brasil das últimas décadas.

O livro de Seabra é dividido em quatro atos, sendo que cada um deles explora diferentes períodos de sua vida e da Plebe Rude. Para o autor, o mais desafiador foi escrever sobre a época do auge nos anos 1980, quando a banda alcançou destaque no cenário nacional e começaram as primeiras divergências internas. Contudo, ele revela que, ao contrário de alguns relatos de músicos sobre o tema, procurou tratar essa fase de forma respeitosa e sem ressentimentos.

Em entrevista ao Correio da Manhã, Seabra afirmou que, por muito tempo, não considerou a ideia de escrever suas memórias.

Música, fama, juventude e política

Reflexões são resumo dos últimos 40 anos do Brasil e Brasília

Foi somente após uma palestra a convite da vice-governadora do Distrito Federal, Celina Leão, em 2018, que Philippe Seabra se deu conta de que sua experiência de vida poderia gerar reflexões que valeriam a pena compartilhar.

O livro aborda desde os primeiros passos da Plebe Rude até o momento em que Seabra deixou o Brasil, após o fim da banda. A mudança para Nova Iorque, onde viveu por seis anos, foi um ponto de inflexão, es-

pecialmente em termos de seu crescimento pessoal e redescoberta da música. Para Philippe, o processo criativo do livro foi uma experiência inusitada. O planejamento para a obra começou ainda antes de se sentar para escrever, com ele discutindo o formato e as histórias com outros membros da banda e amigos próximos.

Segundo Seabra, a parte mais difícil foi estruturar e conectar todas as ideias, o que exigiu um trabalho minucioso



Capa do disco inicial da Plebe Rude

Divulgação

para garantir fluidez e coesão. A versão inicial que ele entregou à editora Belas Letras tinha 900 páginas, mas após a revisão, o livro foi reduzido para o formato final. “É bonito ver “a criança nascendo. Realmente escrever algo desse tamanho com o nível de detalhe e pesquisa não é para qualquer um mas também sempre es-

crevi muito, as letras da Plebe sempre foram grandes, algumas delas quilométricas”.

Década de ouro

Ao longo de “O Cara da Plebe”, Seabra também reflete sobre a relação da arte com a política e a cultura. Ele destaca a importância do rock de Brasília, movimento que teve um impacto

fundamental no rock brasileiro, não apenas pela qualidade musical, mas pelo papel que desempenhou na resistência política durante os anos de ditadura militar. O autor observa que a geração da qual fez parte, e que inclui figuras como Renato Russo, Arnaldo Antunes e outros ícones do rock brasileiro, utilizou a música como ferramenta de resistência e transformação.

Ele explica que, em Brasília, os jovens da sua geração sentiam que não havia limites para o que poderiam fazer, especialmente no campo da música e da arte. “O rock de Brasília se tornou um alicerce para o rock brasileiro”, afirma.

Em “O Cara da Plebe”, o autor também aborda questões mais amplas, como a relação da juventude com a política e a cultura, e o impacto da fama e da exposição pública. Mais que o relato de uma geração de músicos, é uma análise das transformações sociais no Brasil.